A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO RECURSO DA ALFABETIZAÇÃO

BEATRIZ RIBEIRO DA SILVA

RESUMO

O ato de contar história insere a criança em um mundo mágico, despertando seu interesse pela leitura e pela escrita, contribuindo para o desenvolvimento criativo e cognitivo nos processos de letramento e alfabetização. Além de estimular a imaginação, também contribui para o enriquecer a sua experiência ao ampliar a visão de mundo, desenvolve a linguagem oral e escrita e desperta o desejo por novas aprendizagens e descobertas. A finalidade deste artigo é discutir a respeito das contribuições da contação de história para o ensino-aprendizagem com foco na alfabetização a fim de compreendê-la como recurso facilitador do processo de aprendizagem, as impressões de alguns autores sobre o tema, o papel do professor como contador de história, a importância do ambiente para contação de história e a contação de história como contribuição para a alfabetização.

Palavra – chave: Contação. História. Alfabetização.

ABSTRACT

The act of storytelling inserts children into a magical world, awakening their interest in reading and writing, contributing to creative and cognitive development in the literacy and literacy process. In addition to stimulating the imagination, it also contributes to enriching their experience by expanding the world view, developing oral and written language and awakening the desire for new learning and discoveries. The purpose of this article is to discuss the contributions of storytelling to teaching-learning with a focus the literacy, in order to understand storytelling as a resource that facilitates the learning process, the impressions of some authors on the subject, the role of the teacher as a storyteller, the importance of the environment for storytelling and storytelling as a contribution the literacy . Keyword: Storytelling. History. Literacy

INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscar através de uma pesquisa bibliográfica refletir sobre a importância da contação de história como recurso no processo de alfabetização e como tal recurso pode ser utilizado em sala de aula pelos professores como ferramenta para o aprendizado de maneira significativa, buscando auxiliar os educandos a serem protagonistas em seu aprendizado.

Muitos professores acreditam que a contação de história se limita ao ambiente da Educação Infantil, mas quando analisamos a fundo percebemos que a contação de história é ferramenta indispensável para a aprendizagem significativa, devendo ser incluída no planejamento, tendo em vista sua faixa etária, seu interesse, objetivando favorecer o processo de alfabetização e letramento dos estudantes.

O contato da criança com a literatura infantil, por meio da arte de contar história, pode levar a criança, conforme Maciel (2008), ao encantamento próprio das experiências artísticas, despertando o prazer por essa atividade, onde o aluno encontre sentido e significado em se apropriar das práticas de leitura.

Ela é uma ferramenta imprescindível para o processo de ensino e aprendizagem, além de ser um incentivo à criatividade e a expressão. Nessa perspectiva, o objetivo desse trabalho é analisar a importância da contação de histórias para o ensino e aprendizagem, explicitando as principais características e contribuições da contação de história para o enriquecimento das práticas docentes tão necessárias à alfabetização.

DESENVOLVIMENTO

Processos de Alfabetização

O processo de alfabetização é muito importante na vida de uma criança, porém uma vez alfabetizada, esta terá grandes chances de obter êxito nos seus estudos. Acreditava-se que para uma criança está alfabetizada bastava que ele reconhecesse as letras, juntasse

as sílabas, formando palavras em exercícios repetitivos e com uso da cartilha nas escolas (método sintético), priorizava-se a formação e soletração. Nesse processo o professor é o transmissor de seus conhecimentos e o aluno o receptor, expectador passivo, pois este não participa do processo de construção do conhecimento. Sobre isso (Ferreiro 1992, p.24) reitera "o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida em um ambiente social, mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças".
Muitos professores ainda definem de forma errada o processo de alfabetização como uma técnica. Ainda há professores que ensinam da mesma forma com que aprenderam e não aceitam os erros que seus alunos cometem.
As crianças não chegam à escola sem nenhum conhecimento sobre a escrita, segundo Ferreiro:
Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.
(Ferreiro. 1999, p.23).

Hoje o conceito de pessoa alfabética é bem diferente. É um processo que vai muito além da decodificação de letras e sílabas. A alfabetização promove a participação em atividades sociais, econômicas, políticas e culturais, além de ser requisito básico para a educação continuada durante a vida.
De acordo com Ferreiro as decisões a respeito da prática alfabetizadora têmse centrado na polêmica sobre os métodos utilizados. Métodos analíticos contra os métodos sintéticos, fonéticos, entre outros. Este diferencia esses métodos da seguinte forma:
O método sintético preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. O que se destaca neste método é o processo que consiste em partir das partes do todo, sendo as letras os elementos mínimos da escrita. O método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise dos componentes se faz posteriormente. (Ferreiro. 1985, p.19)

Ao longo da história havia aqueles que defendiam métodos revolucionários, e os que consideravam apenas os antigos e tradicionais como válidos.
Os métodos de alfabetização eram tidos como problemas relacionados ao fracasso escolar na alfabetização de crianças, assim surgiu o pensamento construtivista, onde o foco deixava de ser o processo de aprendizagem através dos métodos de ensino, e volta-se para o processo de aprendizagem da criança.
Mesmo com tantos avanços e incentivos na educação, ainda existe tantas dificuldades para alfabetizar, mesmo uma criança em sua idade própria. É importante ter claro que a aprendizagem acontece de diversificadas maneiras, sendo um processo complexo que exige metodologias diferenciadas.

Alfabetização e Letramento

O processo pelo qual o indivíduo é orientado para o domínio e uso da leitura e da escrita, o aprendizado, a decodificação e a combinação de palavras dão-se o nome de alfabetização. Já o letramento representa uma mudança nos paradigmas pedagógicos. Como nos afirma Soares que

O surgimento do termo literacy (cujo significado é o mesmo de alfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra (SOARES, 2008, p. 29)

O termo alfabetização e Letramento para muitos são tidos como sinônimos. No entanto, segundo Santos e Moura,

No Brasil, o termo letramento não substituiu a palavra alfabetização, mas aparece associada a ela. Podemos falar, ainda nos dias de hoje, de um alto índice de analfabetos, mas

não de "iletrados", pois sabemos que um sujeito que não domina a escrita alfabética, seja criança, seja adulto, envolve-se em práticas de leitura e escrita através da mediação de uma pessoa alfabetizada, e nessas práticas desenvolve uma série de conhecimentos sobre os gêneros que circulam na sociedade. (SANTOS E MENDONÇA, 2007 pp16-17)

A mudança da demanda social da leitura, iniciada em fins do século XX, demonstra essa grande distinção entre alfabetização e letramento. Sobre isso Cagliari lembra que:
O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse. (CAGLIARI, 1993, p. 150)

Ler é um processo dialógico que, em um primeiro momento consiste na decodificação das letras e formação de palavras para, posteriormente compreender a função comunicativa e social das mesmas. Há grande diferença entre a língua falada e a língua escrita. Rangel ratifica que:

A língua escrita não é mera representação da língua oral. Não se escreve como se fala e não se fala como se escreve. Compreensão/expressão de língua escrita é diferente de compreensão/expressão de língua oral. Discursos orais e escritos são considerados de formas diferentes. Além disso, a alfabetização transcende a questão "mecânica" versus "compreensão". Ela tem uma dimensão social. Não é a mesma para todas as sociedades nem para todas as camadas sociais de uma mesma sociedade. (RANGEL, 2008, p. 10).

Alfabetização e letramento são por sua vez processos distintos, mas indissociáveis. A alfabetização se dá em nível pessoal e individual, o letramento seria uma prática social.
Ainda sobre letramento, a autora também afirma que

[...] letramento é também um contínuo, mas um contínuo não linear, multidimensional, ilimitado, englobando múltiplas práticas com múltiplas funções, com múltiplos objetivos, condicionadas por e dependentes de múltiplas situações e múltiplos contextos, em que, consequentemente, são múltiplas e muito variadas as habilidades, conhecimentos, atitudes de leitura e de escrita demandadas, não havendo gradação nem progressão que permita fixar um critério objetivo para que se determine que ponto, no contínuo, separa letrados de iletrados" (SOARES, 2003 p. 95).

É preciso alfabetizar os educandos de forma que ele possa lê e interpretar o lido. Não basta apenas que identifiquem as letras, é preciso ensiná-los a lê-las em seu contexto social, daí a importância do letramento, que o ajudará a ressignificar suas leituras, entendendo e explicando o mundo e a sociedade em que vive.

A origem da Arte de Contar História
A arte de contar história não surgiu recentemente, vem desde a antiguidade, onde nossos antepassados contavam histórias com o intuito de suas memórias e culturas fossem passadas para as futuras gerações e não fossem esquecidas. Os homens das cavernas já narravam os acontecimentos do seu cotidiano, através das pinturas rupestres nas cavernas, assim eles preservavam sua memória, compartilhavam sua cultura, demonstravam suas emoções, religiosidade etc.
Antes do surgimento da escrita, todo ato e qualquer conhecimento eram passados pelo ato da fala, ou seja, com a humanidade nasceram também os contadores de história, pois eram eles que relatavam todo acontecimento, propagar as crenças, perduraram tradições, além de repassarem os conhecimentos.
Sendo a família o primeiro contato social da criança, é nela que a mesma terá rica e vasta experiência e onde aprenderá a ler o mundo que a rodeia através de um adulto contador de histórias. As crianças não precisam entrar

em contato com as histórias somente quando adquirirem o sistema de representação da língua escrita, à medida que vão lendo para ela, ela vai reconhecendo as palavras escritas nos livros.
Com o passar do tempo a arte de contar história passou por muitas transformações, principalmente com o avanço da tecnologia, as histórias podem ser contadas de diferentes maneiras, com diferentes enfoques e recursos. Contar história é uma prática que favorece a interação, sendo ela imprescindível para a vida humana.
Sobre isso o escritor peruano Mário Vargas Llosa afirma que contar história é:

Uma atividade primordial, uma necessidade da existência, uma maneira de suportar a vida. Para conhecer o que somos, como indivíduo e como povos, não temos outro recurso do que sair de nós mesmos e, ajudados pela memória e pela imaginação, projetar-nos nessas ficções; é refazer a experiência, retificar a história real na direção que nossos desejos frustrados, nossos sonhos esfarrapados, nossa alegria ou nossa cólera reclamem (apud Yunes, p. 12).

Cada ser humano, mesmo não sendo um escritor é um contador de história. O ato de contar história ultrapassa o prazer de contar e ouvir, ele tem uma função social importante e no contexto escolar, o contador de histórias contribui para a formação de leitores e futuros contadores de histórias.
Moraes (2012) afirma que contar história é arte de brincar com as palavras e com o pensamento, diz ainda que, ouvir e contar histórias é viajar pelo mundo sem sair do lugar, é dialogar com o texto, com o autor e consigo mesmo, estabelecendo vínculos afetivos.
Autores como Moraes (2012), Coelho (1995), Abromovich (1997), Bamberger
(1995) e Oliveira (2008) corroboram coma ideia de Moraes (2012) destacando que contar história é um dos principais meios para o desenvolvimento da linguagem e para a formação de futuros leitores.
Coelho (1995), diz que a história não agrada apenas crianças, mas pessoas de qualquer idade, quando elas apreciam viajar pelo mundo da imaginação, da fantasia e da aventura, mantendo viva a criança que está dentro dela.
Assim sendo, todos os livros lidos e todas as histórias contadas na infância, permanecem na memória e contribuem para alimentar a imaginação, contribuindo para o desenvolvimento da socialização.
E na escola o ato de contar história não seria menos importante, é nela onde as crianças interagem e se relacionam com as produções gráficas e percebam a sua importância. Sobre isso a Proposta Curricular/SC/1998, p. 36 afirma:

[...] isso significa que a escola deve intensificar no seu interior, a interação com as produções gráficas [e orais] e que as interações com as tais produções e suas funções, permite que a criança perceba a importância da escrita (da oralidade e da leitura) na relação com os outros, tornando-a necessária.

A prática de leitura na escola deverá ir além do simples obter informações, mas de um processo de letramento de diferentes linguagens e possibilidades de aprendizagem.

A contação de história como ferramenta para a alfabetização

Os primeiros anos do ensino fundamental têm como foco a alfabetização e o ato de contar história auxilia tanto no processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental quanto no processo de aquisição e apropriação da linguagem escrita. Sendo assim, o processo de alfabetização é um momento muito importante na vida do educando. Não basta apenas ensinar às crianças a decodificar os códigos e as letras e aprender a ler e escrever é preciso prática, utilizando estratégias pedagógicas que possibilitem tornar essa etapa da vida dos educandos em um momento tranquilo.
Aprender a ler não é um processo fácil e rápido. Cada criança tem seu tempo e seu ritmo de aprendizagem e isso é algo desafiador para os professores, que devem planejar as estratégias certas para tornar o momento da contação de história algo prazeroso para que possa atingir os eu objetivo, sendo ele o grande incentivador de suas produções.

A contação de história no âmbito escolar, principalmente no início da alfabetização, pode desenvolver na criança o interesse pelas práticas de leitura e escrita, contribuindo assim, para infinitas aprendizagens.

É também nessa fase que o professor tem o papel imprescindível, tendo a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso escolar dos educandos. Devendo ele planejar atividades prazerosas e cheia de descobertas, deixando de lado as aulas rotineiras e mecânicas que em nada colaboram para o processo de alfabetização.

Sobre isso nos diz Carvalho, (2004, p. 16):

A professora que lê para a turma "acorda" as histórias que dormem nos livros. Os alunos recontam essas histórias, aprendendo a perceber as diferenças entre língua falada e escrita. Esse trabalho é importantíssimo na formação do leitor.

Nessa perspectiva, o trabalho com a contação de história contribui para despertar nas crianças o interesse pelas práticas de leitura e escrita, auxiliando-as no desenvolvimento das suas habilidades escritas de maneira prazerosa, apoiandoas para a aquisição da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental. Sendo assim, é indiscutível a importância da contação de histórias para o processo de alfabetização dos alunos.

O papel do professor na contação de história no ambiente escolar

O ato de contar história antigamente era tido pela escola como forma de distrair as crianças, de fazer com que elas ficassem quietas e atentas ao lido pelo professor, momentos apenas para ouvir e não era dado aos alunos oportunidade de discutir, dar asas à imaginação, etc. Hoje em dia, ela é tida como algo bem diferente, ela além de auxiliar a prática pedagógica de muitos professores, é uma forma de instigar a imaginação das crianças, sua criatividade, oralidade, atenção, incentivando o gosto pela leitura, além de contribuir no processo de aprendizagem e socialização. Dessa forma, ela deve ser estimulada e desenvolvida no ambiente escolar, pois auxilia na formação humana no desenvolvimento de sua criatividade e personalidade.

Não podemos restringir a contação de história ao espaço da Educação Infantil, mas fazer uso dela nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pois essa favorece o estímulo ao gosto literário e a decodificação das letras de forma menos mecânica.

Através da contação de história há a possibilidade de contextualizar o conteúdo escolar de forma interdisciplinar, prazerosa e lúdica, contribuindo para um processo de ensino aprendizagem mais significativo e afetivo.

As histórias contadas pelo professor devem propor "vivências radicadas" no cotidiano do aluno. O texto contado faz com que as crianças percebam a interrelação existente entre o "mundo real", que as cerca e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante. Através dessas narrativas há o contato com conteúdo essenciais da condição humana. Nelas encontram-se vários sentimentos: medo, carência material e afetiva, ansiedade, rejeição, perdas, as buscas, a solidão e o encontro. O enredo básico das narrativas expressa obstáculos e provas, que precisam ser vencidos, com um verdadeiro ritual iniciatório.

(PACHECO, 2009, p. 44).

Ao professor, contador de história cabe se apossar desse recurso, oferecendo aos estudantes um momento pedagógico diferenciado, contribuindo e muito para sua prática pedagógica, tornando suas aulas mais atrativas e apreciadas pelos alunos.

O professor pode fazer uso de diferentes tipos de textos como recursos didáticos, podendo, assim, proporcionar uma metodologia alternativa mais eficiente baseada na leitura de diversos tipos de textos (contos, charges, fábulas, entre outros).

O professor para ser um bom contador de história precisa criar uma cumplicidade entre a história e seus ouvintes, ler sem pressa, envolver os alunos com a história para prender a sua atenção.

Contar histórias é uma arte, certamente. E nem todo professor nasce com o privilégio deste dom [...] entretanto, o uso de alguns

cursos fará dele, se não o artista de dotes excepcionais, um mestre capaz de transmitir com segurança e entusiasmo um texto para os pequenos. (DINORAH, 1995, p.50).
A contação de história quando bem planejada pode ser uma aliada ao professor, contribuindo para enriquecer as suas aulas e propiciando o despertar do interesse dos educandos para o conteúdo que será ministrada em suas aulas, transformando o abstrato em algo concreto.

[...] as histórias trazem o abstrato ao entendimento das crianças, e com isso as municia com experiência que aumentarão a sua vivência, aumentando também suas possibilidades dentro do relacionamento social, uma vez que as histórias, segundo a autora, tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto.
(DOHME, 2000 apud PACHECO, 2009, p. 25).

Ambiente para a contação de história

Contar história exige planejamento e uma preparação especial. O ambiente físico deve ser harmonioso e aconchegante, sem distrações externas. O professor deve selecionar histórias de acordo com a faixa etária dos educandos, fazer uso de um tom de voz adequado a cada personagem da história, podendo utilizar de recursos diversos (fantoches, teatro de varas, dedoches, teatro de sombras, instrumentos musicais, etc) para instigar a curiosidade das crianças.
É preciso que o professor conheça a história que será contada, que ele se prepare para o conto, devendo segurar o livro na altura dos olhos das crianças e tendo entusiasmo na hora em que for contar a história para seus alunos, devendo mostrar com seus gestos e no seu olhar o quanto é empolgante ouvir histórias. Ele precisa acreditar, envolver-se e vibrar com ela, precisa criar interesse e agir com naturalidade para não ocorrer dispersão dos seus ouvintes, se não houver prazer e entusiasmo por parte do professor (contador), a criança também não sentirá curiosidade e muito menos vontade de continuar ouvindo e vendo a história que está sendo transmitida.

"Devemos mostrar o livro para classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta lentamente a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é, propriamente, ler a história. O narrador a conhece, já a estudou e a vai contando com suas próprias palavras, sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade das narrativas". (COELHO, 1999, p. 33)

CONSIDERAÇÕES FINAIS
Contar histórias não é uma atividade simples e aleatória e também não deve ser encarada como uma prática de ocupar/passar o tempo em sala de aula e também não deve ser encarada como prática apenas de transmitir conteúdos, mas um recurso que procura auxiliar os educandos a se tornarem motivados e curiosos por mais informações. É um hábito que é desenvolvido muito antes da criança aprender a escrever, muito antes dela entrar na escola. Ela é mais que um poderoso instrumento na educação. É uma forma de socialização e formação do senso crítico das crianças.
É inegável a contribuição que a arte contar histórias para o processo de alfabetização, mas para isso essa prática precisa ser bem planejada e executada pelos professores, incorporando-a em seu planejamento como um momento de fruição para as crianças, momento esse em que é possível promover o encontro da arte de contar histórias com a arte da palavra. Ao professor também cabe a tarefa de ao planejar tais atividades, propiciando o contato deles com diferentes meios literários, auxiliando-os na leitura do impresso, mas também na leitura de mundo, sem deixar de levar em consideração os conhecimentos prévios dos educandos, seus interesses e motivações, objetivando contribuir para a construção de uma aprendizagem significativa.
Assim, o uso da contação de histórias como recurso pedagógico contribui para que as crianças possam construir e reconstruir conhecimento, podendo ser transformado em um poderoso e imprescindível suporte ao processo de alfabetização, assim como contribuindo para a socialização e formação do

senso crítico dos educandos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: Gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BUSATTO, Cléo. A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e Ciber.
Petrópolis: Ed. Vozes 2006

COELHO, Betty. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999. COELHO, Nelly Novais. Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática. São Paulo. Ed. Moderna, 2000

ESCOLA, e. d. (01 de 06 de 2013). FERREIRO, Emília. (E. FERREIRO, Entrevistador) Acesso em 25 de março de 2018 de 2018, disponível em http://pedagogia.tripod.com/emilia_ferreiro.htm

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GOMES, Elaine. A arte de narrar histórias. São Paulo: Editora Senac, 2018 MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

PACHECO, D. F. L. A formação de professores-contadores de histórias, como proposta para o letramento e desenvolvimento de oralidade, leitura, cognição e afetividade. 2009.

SISTO, Celso. Textos e Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias. Curitiba: Ed. Positiva 2ª ed. Série: Práticas Educativas, 2005

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel (Orgs). Leitura- perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 2000.

SOARES, M. (1998) Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto. ZILBERMAN, R. (2003). A literatura infantil na escola. 11, 2003. São Paulo: ed.
São Paulo: Global